Università degli Studi di Padova

Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari

Corso di Laurea Triennale Interclasse in
Lingue, Letterature e Mediazione culturale (LTLLM)
Classe LT-12

Tesina di Laurea

Lusofonia: Identidade e Comunicação Intercultural

Relatrice
Prof. Barbara Gori

Laureanda
Sofia Griggio
n° matr.2067246 / LTLLM

Anno Accademico 2024 / 2025

Viaggiate che sennò poi diventate razzisti
E finite per credere
Che la vostra pelle sia l'unica ad aver ragione
Che la vostra lingua è la più romantica (…)

Viaggiate che viaggiare insegna a dare il buongiorno a tutti
A prescindere da quale sole proveniamo
Viaggiate che viaggiare insegna a dare la buonanotte a tutti
A prescindere dalle tenebre che ci portiamo dentro
Viaggiate che viaggiare insegna a resistere, a non dipendere
Ad accettare gli altri non solo per quello che sono
Ma anche per quello che non potranno mai essere (…).

Viaggiare-Gio Evan

ÍNDICE

Introdução 7

Capítulo 1 - A Lusofonia: História, Identidade e Diversidade Cultural 10

1.1 Origem e evolução do conceito de Lusofonia 10

1.2. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) 13

1.3 A língua portuguesa como elemento de identidade comum: pluralidade, tensões e apropriações 16

Capítulo 2 - A Pesquisa: Resultados do Questionário 18

2.1 Metodologia da investigação 19

2.2. Perfil dos participantes 20

2.3. Percepções sobre a identidade lusófona 21

2.4. Experiências de comunicação intercultural 26

Capítulo 3 - Consciência intercultural como chave para uma comunicação eficaz no mundo lusófono 30

3.1 Análise e reflexões finais da pesquisa 30

3.2 Língua única e plural 32

3.3 As novas gerações e a lusofonia futura 34

Conclusão 38

Resumo em italiano 42

Bibliografia 45

Sitografia 45

Introdução

Nos últimos tempos, a palavra “Lusofonia” tem vindo a ampliar-se e divulgar-se com relativa frequência entre os países do mundo de língua portuguesa. Isso vê-se nos debates políticos e culturais, e também na promoção da língua portuguesa através do ensino do português no estrangeiro em contextos internacionais. Este conceito não nasceu há muito tempo, nem a sua difusão não foi rápida e uniforme. O espaço da Lusofonia está entrelaçado de identidades pujantes e inúmeras relações que atravessam continentes e oceanos, mas também riscos de relações de dominância e ainda presentes ressentimentos históricos e sociais que continuam a influenciar os relacionamentos entre os países e as comunidades que fazem parte do mundo lusófono. Falar de Lusofonia, então, significa falar de um mosaico de realidades que estão unidas por heranças culturais, não simplesmente por uma língua-padrão. Graças aos estudantes, pesquisadores e linguistas contemporâneos, os estudos sobre este fenômeno estão avançando de maneira muito rápida, não obstante a celeridade das mudanças do ponto de vista social e de comunicação nos últimos tempos. As investigações académicas, de facto, ganharam em estudos e perspectivas pós-coloniais, antropológicas e interculturais que tornaram este conceito um território cheio de mudanças também graças à globalização e às migrações que influenciam as maneiras próprias de comunicar. É propriamente em este cenário que o espaço lusófono deveria transformar-se em um verdadeiro lugar de diálogo e cooperação entre os seus membros. O presente trabalho de tese aprofunda e concentra a atenção sobre o avançamento da Lusofonia e em particular interessa-se por um ponto específico e fundamental para o desenvolvimento da Lusofonia que é o papel capital da comunicação intercultural entre países e comunidades lusófonas. O conceito de comunicação intercultural não prevê só uma mensagem que viaja de uma parte do mundo para outra. Esta compreende a capacidade de respeitar diferentes sistemas de valores e

usos sociais e a capacidade de compreender códigos linguísticos ou diferentes comportamentos não verbais. É neste contexto que nasce a parte empírica deste trabalho que tem o objetivo de investigar o papel da Lusofonia nestes países a nível prático: interessa-se pelo modo como a Lusofonia é vivida concretamente pelos falantes lusófonos que vêm de contextos culturais e geográficos diversos. Propusemo-nos administrar um questionário a um número não muito extenso de participantes muito heterogéneos, seja em sexo ou geração, mas todos acomunados por terem nascido na época pós-colonial. Mediante este instrumento metodológico pretende-se descobrir se este sentimento de "comunidade lusófona" do qual se ouve falar e também se lê nos artículos ou textos escritos é conhecido ou sentido por todos da mesma maneira, mas sobretudo perceber por que modo é interiorizado e que motivações causam o seu sentido de pertença. Este trabalho considera também os possíveis sentimentos quanto a um passado colonial, que embora longe no tempo, permanecem e continuam a influenciar as pessoas no seu quotidiano ou a sua perceção em sentirem-se parte de um "todo".

Ademais, este trabalho não deixa de analisar e investigar com atenção os desafios e as dificuldades curiosas que envolve o uso da língua de um ponto de vista prático. A língua portuguesa é oficialmente "única", mas a realidade demonstra que a unidade é mais uma construção formal que uma experiência coletiva quotidiana partilhada. O que pode acontecer entre indivíduos que pensam falar a mesma língua, ser irmãos, irmãs ou vizinhos de casa, mesmo que à distância, e não se entendem? Falar português não garante uma compreensão automática entre os falantes das suas diversas variantes. Há palavras completamente diferentes, que se confundem com significados pouco compreensíveis, ou que do ponto de vista motor e da gestualidade não correspondem. Esta complexidade torna evidente que uma língua é um organismo vivo, plasmado de experiências históricas, influências locais e de contatos com outras línguas também. A questão se torna ainda mais difícil se se considerar a percepção externa da Lusofonia. Em muitas partes do mundo, a existência de alguns países

lusófonos e a língua falada neles é pouco conhecida. Não é raro muitas pessoas não lusófonas ignorarem a existência de Portugal ou inclusive achem que toda a América Latina fale espanhol, também entre pessoas com um discreto nível de educação. Isso suscita questões quanto à capacidade dos países-membros de promoverem de maneira eficaz a própria identidade linguística e cultural no mundo, mas sobretudo nos faz entender que talvez não percebamos a mutabilidade de uma língua. Muitas ideias sobre a Lusofonia permanecem, ainda, confinadas à esfera do discurso institucional ou académico, sem se traduzirem em práticas quotidianas que promovam um autêntico sentido de pertença. O que interessa aprofundar é como a sociedade, com as suas interações e os seus conflitos, muda de forma contínua a evolução e o significado de Lusofonia.

Por fim, este trabalho de tese está estruturado em três capítulos: o primeiro dedica-se à definição e ao contexto histórico e cultural da Lusofonia. O segundo capítulo explica a metodologia adoptada e os resultados grosseiros que emergiram do questionário; o terceiro é a interpretação crítica desses resultados, colocando em relação os dados recolhidos com reflexões da primeira parte do trabalho, mas sobretudo destacando as direções possíveis, sem deixar de olhar para o futuro. Em suma, este trabalho não quer confirmar a visão idealizada da Lusofonia como comunidade feita e concluída, pelo contrário quer oferecer uma compreensão mais realista da Lusofonia, longe das idealizações e capaz de reconhecer também as suas contradições e sobretudo identificar, mediante as experiências dos participantes, a Lusofonia como instrumento de união e de encontro, capaz de promover as diferenças e ultrapassar as barreiras linguísticas e culturais, somente se acompanhada da consciência das diferenças e se valorizar os recursos. É neste espaço, feito por desafios, mas também por possibilidades, que entendemos o que é de verdade a Lusofonia.

Capítulo 1 - A Lusofonia: História, Identidade e Diversidade Cultural

1.1 Origem e evolução do conceito de Lusofonia

O termo "Lusofonia" vem do latim, através da raiz *lusu*, que se refere à Lusitânia, a província romana pertencente à Península Ibérica. Esta província, inserida na Hispânia, era habitada pelos Lusitanos e corresponde hoje ao território do Portugal atual. O sufixo *-fonia,* do grego *phoné,* significa "voz" ou "som", ou até mesmo "língua", assumindo literalmente o significado de "a voz dos lusos".

Com o passar do tempo, o significado de Lusofonia foi além da sua origem etimológica, ganhando uma conotação muito mais ampla e multifacetada.

Esses vários significados são geralmente resumidos por um conceito "designado também no primeiro parágrafo do Portal do Governo Português como "conjunto das comunidades de língua portuguesa no mundo"[1], mas considerar esta definição definitiva acaba por ser bastante limitante. A lusofonia vai muito além disso, porque engloba não apenas a dimensão linguística, mas também toda uma história, cultura e identidade compartilhada por povos lusófonos.

De facto, se hoje falamos de Lusofonia, deve-se à disseminação da língua portuguesa imposta como língua de ensino, administração e religião nas chamadas "províncias ultramarinas". Porém, a palavra Lusofonia é um conceito pós-colonial que começa surgir na dicionarização em 1950 e nas obras de referência nos anos 70, mudando assim a ideologia da época do ponto de vista sociolinguístico. Antes, a palavra utilizada para se referir à ideia de língua única e sentido de continuidade entre Portugal e as suas

[1] REGINA PIRES DE BRITO, Sobre lusofonia. *VERBUM. CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO. ISSN 2316-3267*, 2013, 5: 4-15.

províncias ultramarinas era “portugalidade”[2], termo cunhado por Alfredo Pimenta no opúsculo *Em Defesa da Portugalidade* (1937). O termo aparece quando Portugal tinha como objetivo combater os independentistas que começavam a surgir nas ex-colónias, defendendo a pertença desses territórios a Portugal, em virtude do seu “destino histórico”, lançando assim o slogan “Portugal, do Minho a Timor”.[3]

Já neste período, a palavra tinha uma carga simbólica ligada à tentativa de manutenção da continuidade imperial pela justificação de uma identidade cultural partilhada. Com a Revolução de 25 de abril, 'Lusofonia' começou a ganhar vida, aparecendo em dicionários e obras de referência e sofrendo um processo de ressignificação, deixando de ser um instrumento discursivo de legitimação do império e passando a ser utilizada como expressão de uma possível comunidade linguística e cultural pós-colonial.

Porém, apesar de ser concebida nesse contexto democrático como uma possibilidade intercultural e expressão de unidade cultural e linguística, a ideia de Lusofonia não é consensual e tem sido criticada em diferentes contextos académicos e políticos. Investigadores como Nuno Castelo alertam para o facto de o conceito estar longe de ser neutro e estar por vezes imbuído de discursos que reproduzem lógicas nostálgicas, fazendo surgir, dada a referência simbólica aos avós portugueses também na etimologia, um certo ceticismo quanto ao facto de se tratar de patriotismo ou nacionalismo. Segundo o autor, a retórica da Lusofonia tende a apoiar-se em mitos históricos, como o da “tolerância racial portuguesa”, ou na ideia de um nacionalismo integrador e universalista, que contrastaria com formas de nacionalismo consideradas mais exclusivistas ou etnocêntricas. Essa construção simbólica, em parte enraizada no pensamento luso-tropicalista de Gilberto Freyre [1900-1987], continua a

---

[2] VITOR DE SOUSA, Identidades transnacionais e transculturais. Pós-colonialidade, lusofonias e interculturalidade. O caso do Museu Virtual da Lusofonia. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, 2021, 147: 107.

[3] IVI, p. 109

influenciar a forma como a comunidade lusófona é representada, promovendo uma imagem de harmonia baseada na língua comum e na miscigenação cultural, mesmo que essa imagem não corresponda totalmente à realidade vivida nos diferentes países que compõem este espaço. Este contexto ajuda-nos a compreender por que razão, aquando da criação formal da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)[4] o termo "lusofonia" não foi incluído nos documentos fundadores. Tal omissão não foi casual: refletia uma profunda sensibilidade em relação ao peso simbólico do termo, que, para muitos, continua a evocar uma relação desigual entre Portugal e os antigos territórios coloniais. A origem etimológica da palavra, ligada a "lusitanidade", levanta receios quanto à possibilidade de a Lusofonia funcionar como um prolongamento simbólico da "portugalidade", conceito anteriormente mobilizado pelo regime do Estado Novo salazarista, para sustentar a sua ideologia imperial. Face a estas ambiguidades, alguns autores e pensadores têm tentado propor alternativas conceptuais que melhor reflitam a diversidade e a complexidade do mundo lusófono. Entre essas propostas encontra-se a noção de "lusotopia", cunhada por Louis-Jean Calvet e retomada por Louis Marrou. Ao contrário da Lusofonia, que destaca a unidade, a lusotopia baseia-se no reconhecimento da pluralidade de experiências, memórias e modos de apropriação da língua portuguesa. A ideia é a de um espaço marcado por interações culturais, e não por centros e periferias. Nesse sentido, a língua portuguesa não é vista como propriedade de um único país, mas como uma construção coletiva, moldada por todos aqueles que a utilizam no cotidiano. O escritor angolano José Eduardo Agualusa expressa essa perspectiva ao afirmar que tentar confinar a língua portuguesa às fronteiras nacionais seria uma forma de a empobrecer, negando-lhe a riqueza que advém da sua circulação global e da sua constante reinvenção.[5]

---

[4] par.1.2

[5] IVI, p. 112

1.2. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)

A tentativa de formalizar os laços históricos, linguísticos e culturais entre os países que compartilham o português como língua oficial fez-se pela fundação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a 17 de julho de 1996. Após o término do colonialismo, tornou-se claro que os antigos vínculos não poderiam simplesmente desaparecer e nem permanecer intactos como eram. Era preciso estabelecer e construir uma nova forma de relacionamento, baseada, pelo menos, no discurso, na cooperação e no respeito mútuo. Tudo isto é representado pela CPLP, composta atualmente por nove Estados-membros: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Uma organização intergovernamental criada com o propósito de incentivar a cooperação político-diplomática e promover a difusão do idioma português no mundo, a CPLP tem sido entendida por muitos como meio concreto de dar forma àquilo que se costuma chamar de "comunidade lusófona": ela constitui-se, desde a sua criação, como um pacto de amizade e de solidariedade entre iguais."[6]

No entanto, a ideia de "comunidade" nem sempre é viva e uniformemente compartilhada da mesma forma em todos os países participantes envolvidos. Em alguns contextos, a CPLP é percebida como uma oportunidade concreta, uma entidade plural e representativa; noutros, é vista com um certo ceticismo, como uma organização pensada e por vezes conduzida a partir de uma lógica centralizadora, ainda muito ligada ao olhar português. Há países onde a presença da CPLP se faz sentir de forma mais ativa, e outros onde essa presença é quase inexistente, ou pior, é a desigualdade a nível de participação da sociedade civil que dificulta a construção de uma verdadeira comunidade que deveria ser horizontal, mas

---

[6] DOMINGOS SIMÕES PEREIRA, *O conceito de Lusofonia e a cooperação na promoção e difusão da língua portuguesa: tópicos de intervenção*. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, 13 novembre 2008.

que costuma ser hierárquica, contrariando o ideal de parceria entre iguais que estaria na sua origem.

Ao longo do tempo, a CPLP tem promovido importantes iniciativas na área da educação, da circulação de estudantes e profissionais como no caso do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) e do Museu Virtual da Lusofonia. O IILP foi oficialmente criado em 2002 na sexta Reunião Ordinária do Conselho de Ministros da CPLP depois da proposta do então presidente do Brasil, José Sarney, em 1989. Entre os vários projetos e iniciativas, ele coordena a elaboração do Vocabulário Ortográfico Comum (VOC) que reúne os vocabulários ortográficos nacionais dos países membros da CPLP, oferece recursos didáticos para professores do português como língua estrangeira em contextos internacionais e atua como um instrumento para a gestão comum do idioma, elo cultural e instrumento de comunicação global, sendo particularmente ativo na celebração no Dia Mundial da Língua Portuguesa, em 5 de maio. O MVL, respetivamente, é uma iniciativa académica e cultural lançada em 2017 pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho, em Braga. Dirigido pelo professor Moisés de Lemos Martins, procura preservar e divulgar expressões culturais dos países lusófonos, promovendo a cooperação científica, cultural e artística através do diálogo intercultural e do reconhecimento da diversidade interna desta comunidade. A missão do museu é particularmente significativa por tentar oferecer, de facto, um espaço “descolonizado”, onde a memória coletiva possa ser reconstruída com base no respeito mútuo e na valorização das diferenças, longe de qualquer ideologia nostálgica imperial. Iniciativas como o MVL têm o mérito de criar espaços de partilha horizontal, nos quais comunidades locais, estudantes, artistas e investigadores podem colaborar na reconstrução de uma memória coletiva que não seja em absoluto eurocêntrica, mas, sim, transnacional e intercultural.

Os aspetos positivos são muitos, mas também há um ponto delicado que é o da inclusão da diáspora e das regiões culturalmente lusófonas que

não fazem parte da CPLP enquanto membros de pleno direito, como a Galiza, Goa, Macau e até comunidades espalhadas pela África e pela Europa. A maior parte dessas comunidades vivem a língua portuguesa de forma híbrida, misturada com outras referências linguísticas e culturais, e contribuem ativamente para o alargamento do que se entende por Lusofonia, mas a falta de representação política formal dessas regiões pode ser vista como uma oportunidade perdida de tornar a CPLP ainda mais plural. A CPLP tem, assim, a oportunidade e sobretudo a responsabilidade de construir um espaço de cooperação onde a língua não sirva para uniformizar, mas para multiplicar vozes.

1.3 A língua portuguesa como elemento de identidade comum: pluralidade, tensões e apropriações

Ao longo da sua história, a língua portuguesa atravessou oceanos, territórios e séculos. Expandiu-se, impôs-se, reinventou-se, foi rejeitada, adotada e transformada. Hoje, é falada por mais de 260 milhões de pessoas, um número que, de acordo com as projeções das Nações Unidas, deverá crescer significativamente nas próximas décadas. Mas mais do que números ou estatísticas, importa reconhecer que essa presença global do português é marcada por profundas dinâmicas culturais complexas, que não podem ser reduzidas à ideia de uma “língua comum”. A língua portuguesa, espalhada por diversos continentes, é mais do que um meio de comunicação; é um espaço simbólico que reflete a complexidade das identidades culturais dos povos que a utilizam.

O português é, em muitos casos, uma língua adquirida e não materna; é uma língua ensinada na escola, usada na administração pública, nos meios de comunicação social, mas embora o português seja a língua oficial em vários países, a coexistência com outros idiomas é um dado adquirido e marcante: línguas locais, crioulos e dialetos, muitas vezes mais próximos da identidade quotidiana das comunidades. Em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, a língua portuguesa partilha espaço com dezenas de outros idiomas. Esse multilinguismo não é exceção, mas regra. No entanto, em muitos contextos, ainda existe uma tendência para considerar o português como norma e as demais como "desvios" ou obstáculos.

A lusofonia não é uma entidade homogénea. Como afirmado por Moisés de Lemos Martins, ela pode ser entendida como uma "comunidade imaginada", caracterizada por uma diversidade transcultural e transnacional. Projetos como o Museu Virtual da Lusofonia, de facto, exemplificam o esforço notável de promoção da interculturalidade e da valorização da riqueza cultural dos países de língua portuguesa, propondo-se como um instrumento de mediação intercultural, um lugar onde a

diversidade não é apenas tolerada, mas celebrada. Falar de identidade lusófona, portanto, é falar de identidades no plural. Significa reconhecer que não há uma só maneira de ser lusófono, nem uma só cultura portuguesa. O português, como língua e como universo simbólico, é espaço de contestação, de criatividade, de dor e de potência. É através dessa linguagem plural que as pessoas se expressam, se lembram, se esquecem e se reinventam.

No fim das contas, talvez a maior força da Lusofonia esteja justamente na sua capacidade de acolher a contradição, de reconhecer a multiplicidade sem tentar domesticá-la, e de fazer da língua um ponto de encontro e não de imposição. Nessa perspetiva, a diversidade cultural do espaço lusófono não é uma ameaça à unidade, mas o seu verdadeiro fundamento.

A organização internacional Conexão Lusófona[7], outra rede juvenil e cultural envolvida na promoção do idioma português e no fortalecimento dos laços entre os países lusófonos, enfatiza que a lusofonia é construída coletivamente por todos os que se identificam com a língua portuguesa, independentemente da sua origem geográfica. Essa construção contínua é alimentada por iniciativas que promovem a interculturalidade e o diálogo entre as várias comunidades lusófonas, reforçando a ideia de uma identidade plural e dinâmica. Sumariamente, a lusofonia é moldada pelos sentimentos, memórias e experiências de cada indivíduo que se identifica com esse universo cultural.

[7] (https://www.conexaolusofona.org, ultimo accesso alle 10.35 del 29.05.2025)

Capítulo 2 - A Pesquisa: Resultados do Questionário

Sobre a Lusofonia, em sentido teórico, haveria muito mais que dizer, até porque fenómenos complexos, múltiplos e dinâmicos são muito difíceis de analisar, sobretudo para quem faz parte deles; ainda mais para os estrangeiros que, de facto, não pertencem a esse mundo e não podem comparar a sua realidade com a lusófona. Outrossim, por quanto os estudos avancem e a teoria nos permita explicar sempre mais profundamente esse fenómeno, para compreender de verdade o que é a lusofonia devemos adentrar-nos na questão e perceber como ela é vivida, percebida e representada por diferentes falantes da língua portuguesa. Neste capítulo, de facto, será apresentada a parte integrante e empírica desta pesquisa que tem como objetivo propriamente a recolha de dados concretos sobre a identidade lusófona e as experiências quotidianas de comunicação intercultural de alguns dos protagonistas da “comunidade lusófona”.

2.1 Metodologia da investigação

O instrumento principal utilizado nesta pesquisa foi um questionário digital: um formulário online criado por a autora, por meio da plataforma *Google Form*, dirigido exclusivamente a pessoas lusófonas que têm o português como língua materna e que tenham, ou tenham tido, a possibilidade de ter contacto com pessoas lusófonas de outros países. Este recurso mostrou-se eficaz para esta pesquisa, a dois níveis: a nível quantitativo, devido à sua acessibilidade e à facilidade de o partilhar entre pessoas dispersas geograficamente por meio de redes sociais, mas também, inesperadamente, também a nível qualitativo, graças à opção de resposta obrigatória e discursiva.

O questionário com o título "Lusofonia: Identidade e Comunicação Intercultural" foi desenvolvido em onze perguntas abertas, divididas por sua vez em três secções, cada uma com um propósito diferente. Ao início do formulário, na primeira secção, os visitantes deste link são informados sobre a identidade da autora, o tema e os objetivos da investigação. As outras partes são, como se disse, as partes práticas. A primeira secção inclui perguntas básicas sobre a nacionalidade, a proveniência geográfica, ou seja, onde o participante mora em este momento, e sobre a sua língua materna. A segunda parte, questiona o sentimento de pertença e as percepções do participante quanto ao conceito de lusofonia, isto é, como cada participante entende esse termo e até que ponto sente afinidade com os outros povos lusófonos. Por fim, a última secção é dedicada à comunicação intercultural: foram recolhidas as experiências, incompreensões e exemplos de variedades linguísticas do português de cada participante em comparação com outros falantes lusófonos.

2.2. Perfil dos participantes

Como precedentemente explicado, a primeira secção do questionário está dirigida à análise do perfil sociodemográfico dos participantes.

Os participantes são 57, do sexo masculino e do sexo feminino e têm todos entre os 19 e os 35 anos de idade, correspondendo a um público jovem-adulto, formado em grande parte por estudantes universitários ou jovens profissionais.

A amostra contou com a participação de falantes oriundos de diferentes países lusófonos: destacam-se os portugueses e os caboverdianos, mas há também participantes provenientes da Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Brasil, Angola e Moçambique. Estes declaram falar português diariamente/no quotidiano, mas nem todos consideram o português sua língua materna. De facto, como se disse, em vários países lusófonos, o português geralmente é uma língua secundária que coexiste com muitas outras como o kriol ou, como no caso de alguns participantes guineenses, com o mancanha (mankanya), chamado “uhula” pelos seus falantes, ou o dialeto manjaco (manjak). A maioria destes participantes indicou residir fora dos seus países de origem: muitos vivem em Portugal, nomeadamente na cidade de Lisboa, onde foram estabelecidos os primeiros contatos iniciais para a realização deste questionário, e os outros indicaram morar atualmente na Europa, com maior concentração na França, Inglaterra e Itália.

2.3. Percepções sobre a identidade lusófona

A segunda parte do questionário focaliza-se nos sentimentos dos participantes quanto ao conceito de "lusofonia", ou melhor, à ideia de "comunidade lusófona". O objetivo das perguntas é entender se este termo hoje em dia é ainda só um propósito teórico e utópico ou se é um sentimento verdadeiro e sincero que existe também no concreto.

Antes de tudo, o conhecimento do termo "lusofonia" não é garantido: a menor parte dos participantes, alguns imigrantes das ex-colónias, afirmaram ter entrado em contacto com esta noção só quando imigraram para a Europa, então, é suposto que entre os participantes há vários graus de familiaridade com esse conceito. Com as primeiras perguntas desta parte, pedia-se ao participante que desse uma opinião sobre a existência de uma relação ou sentimento de comunidade entre os jovens lusófonos de diferentes países e o significado que eles atribuem ao facto de pertencerem a essa comunidade. As respostas foram várias, sobretudo dependendo do país e do contexto de proveniência. A maioria respondeu afirmativamente, sem muitas dúvidas: os participantes experimentam um sentimento de ligação com milhões de pessoas espalhadas pelo mundo, ou seja, sentem-se parte de "um todo". Outros, pelo contrário, foram um pouco mais hesitantes e céticos nas respostas. Delas, chegou-se à conclusão que muitos dos participantes acham que falar a mesma língua e partilhar de certo modo os mesmos costumes, sem dúvida, implica a existência de uma união e interação entre eles, todavia, continuam a predominar barreiras culturais, preconceitos e até discriminação, sentidos, em particular, por vários participantes das ex-colónias africanas, por quanto se esteja vendo um esforço maior por parte de Portugal em fase de acolhimento.

Cada um sente mais ou menos afinidade com os outros povos lusófonos de acordo com a sua experiência de vida e também com a sua origem, mas das respostas recolhidas, cada um tem muito bem claro o

significado de fazer parte de uma comunidade lusófona na própria vida e na própria quotidianidade.

A palavra que mais se destacou no formulário foi “orgulho”; de facto, muitos expressaram sentimento de orgulho e gratidão por serem membros de uma grande comunidade que plasma a identidade deles e que compartilha uma pertença cultural e histórica importante, marcada por perseverança, luta e também conquista. São orgulhosos, sobretudo, de uma comunidade que engloba variedades de culturas unidas pela mesma língua. Uma língua que, além de ser uma das línguas mais faladas no mundo, tem uma riqueza e um valor enorme, uma língua que une povos tão distintos, que faz estar mais próximas culturas tão diferentes da própria e que permite a vários países no mundo “partilharem os mesmos sentimentos e vivências”. O grande valor dela foi chamado em causa por um dos participantes através de uma citação de Fernando Pessoa, “a língua portuguesa é a minha Pátria”, referindo-se, assim, às várias pátrias lusófonas que essa língua acolhe e une.

Então, essa grande “família” tem um papel positivo e valioso para muitas pessoas. Cria esperança de união e de cooperação e serve de elo conector de milhões de pessoas e trajetórias, não obstante a diversidade histórica, social, cultural e até regional. Mas nem para todos o sentimento é igual. Em alguns casos, pode não significar nada ou ser algo demasiado grande e distante de um simples indivíduo lusófono, ou, mais comum nas respostas, pode representar até um propósito nostálgico por parte de Portugal de impor de novo a própria dominância.

As questões seguintes, abrangiam propriamente a forte marca que o passado colonial deixou.

Para a grande maioria dos participantes, os ressentimentos coloniais existem. Até hoje se sente o peso do passado e há evidentes feridas abertas que nunca foram curadas ao longo do tempo. Alguns participantes estão de acordo que hoje o ressentimento parece ser um sentimento mais passivo que não oferece um confronto direto, talvez por provavelmente

quem sentir mais essa questão não ser a geração de hoje, que não tem nenhuma culpa desse passado, mas a que participou na guerra.

Das respostas, os ressentimentos são vividos, por um lado, pelas ex-colónias, por outro, pelo ex-colonizador. Respetivamente, as primeiras por causa do horror vivido durante o processo de colonização em si, o segundo no qual persiste um ressentimento por parte da geração que foi obrigada a lutar nas guerras coloniais e que, até hoje, continua guardando um certo ódio de estimação em relação aos povos colonizados que tentaram defender as suas terras. Confirma-se, assim, que Portugal tem uma dívida enorme para com as ex-colónias e que, pelo menos nas gerações mais velhas, segundo as respostas, até ao momento, não se vê uma evolução de pensamento e um amadurecimento cultural, mas ainda muita discriminação e racismo. Como disse Boaventura de Sousa Santos, um dos intelectuais mais influentes no debate sobre a Lusofonia pós-colonial e sobre as formas alternativas de globalização:

"O que passa pela problematização da forma como o passado colonial pesa nas relações interculturais nos dias de hoje, quer no lado do colonizador, quer do dos ex-colonizados, permitindo que os seus habitantes olhem para o passado como forma de construir dinâmicas de futuro, e não se deixando condicionar por qualquer ressentimento." [8]

Foi reportado um exemplo concreto reportado por um participante brasileiro sobre os prejuízos do passado que amostra que os ressentimentos muitas vezes se manifestam de maneira indireta, como por meio do humor. Ele conta que o brasileiro, conhecido por fazer piada com quase tudo, frequentemente cria memes sobre Portugal que viralizam, especialmente quando os portugueses reagem com irritação — o que, por sua vez, alimenta ainda mais o humor brasileiro. Em 2016, por exemplo, houve até um episódio apelidado de "Guerra Memeal Brasil x Portugal",

[8] BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade. *Novos estudos CEBRAP*, 2003, 66: 23-52.

marcado por uma troca intensa de memes entre os dois países. Mais recentemente surgiu uma *trend* chamando Portugal de “Guiana Brasileira”, na qual brasileiros rebatizaram cidades portuguesas com nomes populares do Brasil, e as reações negativas de muitos portugueses acabam dando ainda mais visibilidade à brincadeira. Apesar do tom leve e cómico dessas interações, elas não são totalmente desprovidas de conteúdo simbólico. Por trás da piada, há uma tensão histórica mal resolvida: o jogo entre colonizador e ex-colónia, em que a inversão irónica dos papéis parece funcionar como uma forma de reapropriação simbólica do passado. Ao ridicularizar ou subverter símbolos do antigo poder colonial, os brasileiros acabam, talvez inconscientemente, expressando uma crítica ou mesmo um desejo de ressignificação dessa herança histórica.

Contudo, o termo “lusofonia” é tão neutro?

Apesar da intenção de querer ser um conceito inclusivo por incluir todos os países que têm o português como língua oficial, na prática, o termo ainda carrega uma carga lusocêntrica significativa, já da ideia os lusos serem o povo do atual Portugal. Parece, então, um sentimento de pertença e de poder, devido também à narrativa e aos símbolos associados que ainda refletem a perspetiva portuguesa e recordam o seu domínio. Na opinião dos participantes, o termo reforça o sentimento de língua imposta desfavorecendo essa tal “união lusófona” da qual eles são obrigados a fazer parte por serem “lusófonos”. Alguns deles sugerem que um fator significativo pode ser a participação menor por parte das antigas colónias que permanecem em situações menos favoráveis relativamente a Portugal. Outros defendem que embora o termo seja lusocêntrico, não deixa necessariamente por esse motivo de ser inclusivo, porque o mesmo acontece com outras comunidades linguísticas que tem no nome a referência do povo de origem como por exemplo a comunidade anglófona, francófona, hispanófona, arabófona. A língua teve origem em Portugal, mas foi passada a outros povos, e agora que todos formam parte de uma comunidade e a língua que os une é a língua originária da Lusitânia, esse

nome é somente um facto. De toda a forma, para que o termo seja realmente inclusivo, os participantes acham que é preciso repensar a forma como é usado, dando mais voz e protagonismo aos diferentes povos e culturas que fazem parte desse espaço.

2.4. Experiências de comunicação intercultural

A última parte do questionário é dedicada à coleta de dados sobre as experiências concretas de comunicação intercultural, vividas pelos participantes com outros falantes de português de diferentes nacionalidades ou regiões. Essa secção foi elaborada a partir da premissa de que, embora os países lusófonos utilizem a língua portuguesa para interagir entre eles, se deve ter em consideração que são profundamente influenciados por fatores históricos, têm uma pertença nacional e continental e dispõem de esquemas culturais e mentais muito diferentes e significativos.

As respostas coletadas evidenciam que a comunicação intercultural entre falantes de português no espaço lusófono é, de facto, bastante frequente. No entanto, também é claro que essa comunicação nem sempre ocorre de forma fluida. Os participantes reconheceram a existência de diferenças marcantes ligadas ao sotaque, à pronúncia e até ao ritmo e à cadência, especialmente quando estes são muito carregados ou acentuados, dificultando a compreensão mesmo entre pessoas da mesma origem linguística. De modo geral, todos afirmam que a compreensão é possível desde que se comunique o mais próximo possível daquela que foi descrita como “língua da união”, ou seja, a variante mais neutra e articulada do português. Nos vários exemplos coletados, a comparação mais frequente foi entre portugueses e brasileiros. Os portugueses foram descritos como pessoas que falam muito depressa e com uma articulação mais “fechada”, frequentemente “comendo” as palavras, o que dificulta a compreensão dos segundos. Segundo alguns brasileiros, a nível de linguagem, os portugueses, soando às vezes menos empáticos, resultam mais pragmáticos e diretos do que os brasileiros, com uma fala mais elaborada e emocional: eles “não cozinham muito as palavras”.

Outrossim, o quadro torna-se ainda mais complexo quando se trata da compreensão de dialetos africanos, especialmente aqueles de países como Angola, Moçambique e também Timor-Leste. Segundo vários

participantes, a mistura do português com crioulos e línguas locais cria uma distância significativa em relação à norma-padrão. Essa distância, em alguns casos, gera situações desconfortáveis e desafiadoras. Embora a maioria reconheça a língua portuguesa como um elemento de união, muitos também alertam que ela pode tornar-se um obstáculo quando as diferenças linguísticas e culturais são ignoradas, ou quando se tenta impor uma norma única e centralizada.

Relatos pessoais de vida ilustram esses desafios. Um dos exemplos mais impactantes mencionados foi o de um participante que contou a história de vários amigos emigrados da Guiné-Bissau que foram para Portugal muito jovens afim de estudar no ensino superior. Ao enfrentarem uma quase total incompreensão do sotaque português e do seu modo de falar, além do escasso acolhimento cultural, acabaram por se sentir desmotivados e abandonaram os estudos, regressando ao seu país de origem. Ter de pedir para repetir muitas vezes e após muitas tentativas continuar a não compreender o assunto, é um dos cenários considerados mais terríveis e vergonhosos pelos participantes.

Este é um caso que comporta também uma incompreensão e um fechamento relativamente a estereótipos étnicos, destacados também por outros participantes e que não podem ser previstos e não parecem ser a norma. Apesar dessas dificuldades, surgiram também relatos positivos, em que a comunicação intercultural ocorreu de forma natural e enriquecedora, especialmente entre pessoas com histórico prévio de experiências multiculturais, seja por meio de viagens, escolarização ou consumo cultural como música ou literatura. Essas vivências anteriores facilitam a compreensão mútua e a integração no estrangeiro.

Outro ponto relevante destacado foi o das variações no vocabulário entre países lusófonos. Em muitos casos, o problema não está na estrutura da língua, mas nas conotações das palavras, que podem variar amplamente. É o caso de “relva” no português-padrão e “grama” na variante brasileira, “mata-bicho” em vários PALOP, contraposto a

“pequeno-almoço” e “café da manhã”. Outros são os casos de palavras obscenas ou negativas: acontece com o termo “propina” que em Portugal geralmente é um termo neutro e se refere a mensalidades escolares, enquanto no Brasil está mais associado a suborno ou pagamento ilegal. Casos como o uso da palavra “rapariga”, que em Portugal é um sinónimo de “moça” ou “mulher jovem”, no entanto no Brasil, sobretudo nas regiões do Norte ou Nordeste, significa “prostituta”, ou ainda o verbo “pegar” que alude a duplo sentido: portanto, mostram como interpretações ingenuamente arriscadas, podem provocar aborrecimentos desagradáveis ou constrangimentos sociais.

Foi perguntado aos participantes se como símbolo da interculturalidade e da convivência linguística, tinham inserido no seu vocabulário cotidiano expressões típicas de outras variantes do português. Surgiram diversas palavras como “calão”, linguagem informal ou de rua que inclui “fixe”, “giro”, “iá”, “pá” e “vá”, gìrias típicas de Portugal: as primeiras usadas para dizer bacano, interessante e bom, as outras simples expressões de apoio ou marcadores discursivos. Também foram mencionadas expressões do português do Brasil como “legal” que em Portugal é apenas algo que está dentro da lei, “gente” utilizado como “nós” e “axé”. Em fim, expressões como “bué” para dizer muito e “kota” com significado de velho, típicas do português angolano. São todos termos utilizados muito mais pelas novas gerações que os aprendem graças à música brasileira e à forte influência das séries ou novelas dobradas em português do Brasil. Alguns participantes afirmaram que, mais do que adicionar palavras ao próprio vocabulário, notaram uma autocorreção da própria maneira de falar. Por exemplo, alguns chegaram a alterar o género, do masculino ao feminino ou vice-versa, ou até, para os brasileiros, a reduzir o uso do gerúndio e utilizar a perífrase “estar a” antes do verbo.

As diferenças também se manifestam em aspetos não-verbais, como gestos, atitudes e até normas de cortesia. Cruzar os braços enquanto se fala, por exemplo, pode ser em Portugal apenas um gesto natural de

concentração, mas noutros países pode parecer sinal de fechamento, desinteresse ou até arrogância. Ainda, resultou de pessoas dos PALOP que os caboverdianos são conhecidos por conversar com tom muito alto e com gestos bastantes expressivos, o que faz os outros pensarem que estão a discutir, interpretando a sua atitude erroneamente como agressividade. O último exemplo tem a ver com o conceito de educação: enquanto em Portugal e no Brasil é completamente normal chamar uma pessoa mais velha pelo próprio nome, desde que a pessoa seja tratada usando a terceira pessoa na conjugação dos verbos, precedido de artigo o/a, em países como Cabo Verde e em outros PALOP, isso pode ser considerado falta de respeito se não vier acompanhado de senhor, tia, dona, etc.

Tudo isso mostra como, apesar de a língua ser comum, as culturas que compõem o mundo lusófono apresentam diferenças profundas e, por vezes, invisíveis, capazes de gerar mal-entendidos, constrangimentos ou até rupturas na comunicação. Por fim, segundo uma visão positiva, no entanto, essas expressões e essas consciências acabam por enriquecer a forma de falar e de se aproximar de outras culturas lusófonas, mas isso só se houver empatia e curiosidade pelo outro, caso contrário, a comunicação não acontece de verdade.

Capítulo 3 - Consciência intercultural como chave para uma comunicação eficaz no mundo lusófono

3.1 Análise e reflexões finais da pesquisa

A análise das respostas do questionário administrado aos participantes lusófonos destacou uma pluralidade de vivências, perspectivas e níveis de identificação com o conceito de “Lusofonia”. Os dados coletados não devolvem uma imagem unívoca, pelo contrário, marcam o quanto esse espaço linguístico e cultural é cruzado por ambivalências, tensões e, por fim, possibilidades. Graças aos prerrequisitos obrigatórios dos participantes podemos dizer que se confirmou a natureza complexa, ambivalente e muitas vezes contraditória do conceito de “comunidade lusófona”. Primeiramente assumem que os dados coletados refletem opiniões informadas, embora não possam ser generalizados a toda a população lusófona. A presença de alguns participantes acima dos 30 anos oferece um contraponto geracional interessante, permitindo observar eventuais contrastes na percepção da lusofonia entre diferentes idades e gerações, considerando que um dos conceitos-chave desta investigação era analisar também as diferenças intergeracionais com respeito à lusofonia como sentimento e perceção nos jovens, nascidos muito depois da época do colonialismo. As novas gerações, de facto, parecem viver a Lusofonia de maneira mais fluida, incorporando no próprio repertório palavras e expressões oriundas de diversos cantos do mundo lusófono, sem preconceitos e sem travões. Também a pluralidade de género é um fator relevante para garantir a inclusão de diferentes perspetivas, reforçando o compromisso desta pesquisa com uma abordagem sensível à diversidade.

Muitos participantes reconhecem-se no português como veículo identitário e instrumento de pertença cultural. Porém, a língua comum é geralmente vivida mais como um ponto de partida e menos como uma garantia de compreensão e reciprocidade. As experiências de comunicação intercultural entre falantes de português mostram que a língua pode unir, mas também é lugar de atrito, incompreensões ou pior,

exclusão. As respostas abertas do questionário oferecem sugestões preciosas, revelando uma perceção da lusofonia não como uma comunidade afetiva e efetiva, mas como uma construção simbólica, geralmente promovida por instituições políticas ou académicas. De facto, para alguns esta é fonte de orgulho; para outros uma construção fictícia, marcada por desigualdades e por um passado colonial irresolvido.

Os resultados do questionário mostram que a comunicação intercultural entre lusófonos não é simples e as dificuldades detectadas são de diversas origens: de compreensão recíproca, especialmente quando os falantes utilizam dialetos, crioulo ou diferentes variedades, a diferente interpretação de gestos, formas de falar e normas sociais. Particularmente significativos são os casos nos quais os participantes contam experiências de exclusão linguística e cultural em contextos migratórios. Porém, junto a estas dificuldades, emergem também grandes potencialidades: a língua portuguesa demonstra-se um instrumento potente para a construção de redes afetivas, intercâmbio e solidariedade transcontinental. É neste terreno dinâmico que se joga os desafios da comunicação intercultural: aceitar as diferenças, reconhecer o valor e ativar estratégias de escuta, adaptação e curiosidade e compreensão reciproca.

3.2 Língua única e plural

Os resultados da pesquisa e as reflexões teóricas demonstram que, apesar do aparente espírito de unidade linguística entre países lusófonos, a partilha da língua portuguesa não dá garantia automática de um sentido de pertença comum, nem uma comunicação intercultural fluida. Como destaca Moisés de Lemos Martins, a Lusofonia não é dada, se constrói e desenvolve no diálogo, na negociação e na memória partilhada.

Nos contextos plurais, académicos e digitais, muitos falantes experimentam incompreensões linguísticas, não por falta de competência na língua materna, quanto por discordâncias de vocabulário, ritmo, mas também no âmbito cultural por normas ou referências diferentes. Também as respostas do questionário analisados demonstram que a língua portuguesa é vivida ao mesmo tempo como ponte e como barreira, então nestes casos, em vez de facilitar, pode virar obstáculo.

Em esse quadro, emerge a necessidade de desenvolver uma competência intercultural como capacidade de escuta e abertura às diferenças. De facto, ela muda constantemente ao contatar com contextos locais, histórias, culturas pessoas e aprisioná-la numa norma única significaria tirar todo o seu potencial e mutilar a energia dessa "entidade viva", como a define José Eduardo Agualusa. A verdade é que as assimetrias de representação são ainda hoje presentes e refletem-se nas narrações mediáticas, na produção oficial central e na comunicação diária, Portugal é geralmente percebido como o "dono da língua", enquanto os outros países orbitam à volta desta centralidade simbólica. Tanto que existem experiências positivas que mostram que a língua pode ser ainda um terreno de encontro, sabendo que as diásporas lusófonas são ainda raramente representadas como sujeitos ativos na construção da Lusofonia e também as regiões "sem lusófonas" como Macau, Galiza e Goa, que não são reconhecidas, são decisivas neste processo de construção e assim se excluem vozes fundamentais para uma compreensão da Lusofonia mais ampla e verdadeira. Somente reconstruindo uma memória coletiva

descolonizada se pode superar a ideia de uma língua “com um centro só”, que é propriamente a ideia do Museo Virtual da Lusofonia.

3.3 As novas gerações e a lusofonia futura

Como já avançado antes, a presença de participantes pertencentes a duas diferentes gerações pós-coloniais deixa entender a mudança ao longo do tempo. O questionário mostra como os jovens lusófonos vivem a lusofonia em comparação com as gerações anteriores. A linguagem não é tanto património e herança nacional quanto um repertório em movimento, alimentado por música, médias digitais, migração e integração quotidiana.

A Lusofonia é ainda hoje um conceito muito ambivalente, muitas vezes concebido com conotações nostálgicas, mas este termo também alude a um espaço plural e dialógico num caminho que corre quase ao ritmo da globalização. Armando Jorge Lopes, de facto, ressalta que a difusão da língua portuguesa não é tão homogénea em contextos globalizados. A variante africana, por exemplo, está sub-representada nos círculos internacionais em comparação com a norma portuguesa e brasileira. A presença online da lusofonia através das redes sociais, dos *media* digitais e de centros culturais como o Museu Virtual Lusófono, permite o desenvolvimento de novos espaços onde as identidades são construídas através do reconhecimento mútuo. A cidadania intercultural poderia ser desenvolvida onde as fronteiras geográficas e hierárquicas deixassem espaço para redes transnacionais, um lugar de convivência.

Então tudo isso não depende da língua em si, mas de como e quem a fala e compartilha. Graças à hibridização linguística, as novas gerações desenvolvem uma nova concepção de pertença, menos a nível institucional e geral, e mais afetiva e multifacetada. O ponto central e fundamental para o crescimento da Lusofonia a nível linguístico, institucional, político e social é a comunicação intercultural, sem ela não teríamos obtido nem os passos que a Lusofonia e a CPLP fizeram até agora. Manuela Guilherme pronuncia:

“A Competência Intercultural, tal como eu a defino, é a capacidade de interagir com eficácia com pessoas de culturas que nós reconhecemos

como diferentes da nossa. De uma maneira geral, as culturas partilham alguns hábitos, crenças e valores, os universais culturais, e diferem em outros que são as especificidades de cada cultura. Interagir com eficácia significa negociar com base nas semelhanças e diferenças de modo a atingir uma plataforma que pode não ser comum, mas que é respeitadora, equitativa e, tanto quanto possível, favorável para ambos. Deste modo, não tem que se limitar ao consenso, deve otimizar a diferença e mesmo potencializar o conflito."[9]

Este dualismo entre valorização das diferenças e consenso representa a chave para compreender a importância da comunicação no nosso mundo globalizado. O ponto fundamental não é fazer existir a Lusofonia por causa de falar a mesma língua, precisamos de vontade de comunicar através dela sendo conscientes das diferenças e querendo construir uma terra pacífica comum que não deve compreender a homologação, mas uma consciência e uma inclusão consciente, atenta e paritária. É por isso tudo que a comunicação intercultural não deve ser vista como um ponto de partida, é de facto um projeto ou uma visão comum que pode fracassar, mas também reformular-se continuamente.

E onde é que a comunicação intercultural pode renovar-se e criar espaços de coabitação cultural e linguística a não ser na educação?

A educação desempenha um papel determinante em fazer virar a competência intercultural uma das maiores habilidades para aprender em contextos escolares e universitários. Fala-se de incrementar os recursos a nível linguístico, mais especificamente, ensinando a língua portuguesa em todos os países da CPLP, mas começar por esse ensino e desenvolver todas os aspetos profundos de mentalidade, códigos sociais e as

---

[9] MANUELA GUILHERME, Comunicação intercultural globalidade e diversidade. *Revista de Humanidades e Tecnologias*, 2002.

oportunidades que oferece. Por exemplo, reconhecer o papel das minoridades linguísticas incluindo então as variedades “periféricas”, significa descolonizar as próprias abordagens linguísticas. Ameúdo uma das dificuldades em alcançar uma interação intercultural de sucesso é a distância entre a língua-padrão e as variedades faladas verdadeiramente nos contextos africanos ou asiáticos. Manter o ensino da L2 portuguesa como há 50 ou mais anos atrás não ajuda a perseguir o objetivo tratado antes. Ainda hoje se seguem modelos eurocêntricos e lusocêntricos que não incluem as variedades locais e a riqueza linguística e cultural das comunidades onde a língua é ensinada. Sabemos que muitos jovens lusófonos africanos falam o português na escola ou na universidade por ser a língua oficial, devendo adaptar-se a um modelo rígido que não representa a própria quotidianidade na qual vivem outra língua nacional, ou língua bantu ou crioulo. * Isto não é importante só para os lusófonos fora da Europa, mas sobretudo nos bancos da escola portuguesa. Estes vivem o luso-centrismo na escola e a Lusofonia na rua. Para eles é importante aprender a conhecer outras culturas e comunicar com mais empatia, devem aprender como viver em uma sociedade, sobretudo no seu país sempre mais global e multicultural. Sabem que o seu modo de falar não é o único modo correto e que a língua é um instrumento vivo que muda continuamente. Estudar também as outras variantes seria útil para fortalecer o sentido de pertença e evitar o abandono dos estudos por parte dos imigrados, tomando o exemplo do participante guineense. Começar pelo ensino da língua faz desenvolver também uma consciência do ponto de vista cívico. Excluir algumas variedades linguísticas significa excluir desde o início também as identidades dos outros lusófonos e não dar importância a eles. Se a Lusofonia está destinada a ser considerada só um conceito pensado pelos governos, ninguém a sentirá como própria. A faísca deve nascer das aulas, do diálogo entre vozes com sotaques e ritmos diferentes ricas de culturas e histórias diferentes de compartilhar.

Educar à Lusofonia, finalmente, não é transmitir só uma língua rica cheia de facetas, mas sobretudo construir as ocasiões para uma escuta

direta e recíproca entre indivíduos que partilham uma história, mas não uma experiência singular. Praticar a Lusofonia significa oferecer um ouvido a todas as vozes que têm uma história para contar.

Conclusão

No final desta pesquisa, é possível traçar algumas considerações gerais que resumem o que emergiu tanto da parte teórica quanto da parte empírica realizada por meio do questionário. A questão que percorreu toda a tese foi, afinal, muito simples, mas ao mesmo tempo extremamente complexa nas suas implicações: o que significa partilhar uma língua? É suficiente falar a mesma língua para se sentir parte de uma comunidade, entender o seu interlocutor em profundidade e construir um relacionamento paritário? Ou, por trás da aparente unidade linguística, existem profundos mal-entendidos, diferenças, estratificações históricas e culturais que tornam a comunicação tudo menos imediata?

A pesquisa desenvolvida neste trabalho ressalta que falar de Lusofonia, entendida como comunidade unida pela língua portuguesa não significa descrever um território paritário e homogéneo.

O que surge, pelo contrário, é uma pluralidade interna de um mundo feito por vozes diferentes que, embora partilhem um código-base, nem sempre se encontram numa compreensão autêntica. O carácter único da língua, de facto, é mais um cenário formal e não uma experiência sentida por todos os falantes. O facto mais interessante e ao mesmo tempo mais problemático que emerge do questionário é que as dificuldades de comunicação intercultural entre falantes portugueses não terminam em variantes linguísticas – embora sejam muito significativas – mas têm as suas raízes em diferentes mentalidades, padrões culturais e históricos. A linguagem transmite mundos, valores, ritmos de pensamento e modos de se relacionar: um angolano e um português podem desempenhar o mesmo papel na mesma língua, mas trazem consigo universos semânticos diferentes, sensibilidades culturais às vezes incompatíveis. Neste sentido, a linguagem atua tanto como ponte, pois permite o encontro, quanto como barreira, pois revela as diferenças e os mal-entendidos.

Os relatórios coletados mostram claramente como o uso da mesma linguagem não garante uma compreensão suave. Alguns participantes relataram experiências de mal-entendidos com dialetos africanos ou crioulos; outros apontaram a dificuldade de seguir o ritmo e a pronúncia rápida do português europeu; outros apontaram para o risco de ambiguidades semânticas com palavras que têm significados diferentes dependendo do país. Estes exemplos concretos confirmam até que ponto a linguagem é, longe de ser um código neutro, um organismo vivo que muda e se adapta a contextos específicos, criando inevitavelmente fraturas e espaços de não-comunicabilidade. No entanto, essas dificuldades não devem ser interpretadas apenas sob uma luz negativa. A pesquisa mostrou exatamente como novas formas de enriquecimento cultural e linguístico podem resultar das diferenças. Os jovens, em particular, parecem experimentar a pluralidade da língua com mais flexibilidade ao incorporarem expressões de outros países lusófonos no seu vocabulário, especialmente através da música, do cinema, das redes sociais e das experiências de viagem. Este desdobramento geracional permite-nos ver a possibilidade de a lusofonia, baseada na valorização da diversidade interna, preferir transformá-la num pano de fundo para uma mudança criativa e regeneração identitária, em vez de aspirar a uma uniformidade impossível.

Claro, o peso do passado colonial permanece. A história de reinados, guerras e hierarquias estabelecidas não pode ser simplesmente apagada compartilhando uma linguagem. Muitos entrevistados recordaram que a língua portuguesa continua a carregar um legado de coerção, uma violência simbólica que em alguns casos ainda não foi desenvolvida. Isto explica porque a lusofonia não é vivida por todos da mesma forma: para alguns, é uma fonte de orgulho, um sinal de pertença a um espaço cultural comum; para outros, é um conceito distante que é visto como uma construção científica ou política; para outros, ainda é uma realidade ambivalente, consistindo de possibilidades e tensões não resolvidas.

Em este quadro complexo, aceitar que a língua portuguesa não é um bloco monolítico, mas um conjunto policêntrico de variantes significa reconhecer que o entendimento mútuo requer esforço, escuta, empatia. Não é suficiente compartilhar o léxico: precisamos da vontade de decifrar contextos, suspender julgamentos, respeitar as lógicas culturais do outro. É precisamente nesta perspetiva que a competência intercultural se torna a chave para transformar a Lusofonia de conceito abstrato experiência concreta de diálogo.

Se a linguagem pode unir, é igualmente verdade que ela pode excluir. Muitas das histórias dos participantes do questionário mostram como a falta de compreensão causa frustração, desconforto e até vergonha. Não se reconhecer no outro, mesmo falando a mesma língua, cria uma sensação de estranheza que é difícil de superar. Mas ao mesmo tempo há histórias de boas-vindas, descoberta mútua, enriquecimento linguístico e cultural. A diferença nestes casos reside na atitude: quando a curiosidade, a abertura e a vontade de aprender prevalecem, a linguagem torna-se um instrumento de união; no entanto, quando a rigidez ou o preconceito é imposto, a linguagem torna-se uma barreira.

A Lusofonia, então, não é um facto adquirido, mas um projeto em construção. Não existe como uma comunidade já completa e distinta, mas como um espaço em progresso, constantemente renegociado através das práticas diárias de seus falantes. Não basta que as instituições proclamem a existência de uma comunidade lusófona: isto só acontece quando se consegue transformar a língua num instrumento de reconhecimento mútuo e não de exclusão. Olhando para o futuro, o principal desafio será ensinar e transmitir a língua portuguesa não como um património unificado, mas como um conjunto de variantes, todas legítimas e portadoras de histórias e culturas específicas. Neste sentido, escolas, universidades, meios de comunicação e instituições culturais têm um papel fundamental a desempenhar: promovem o encontro entre as diferenças, educam para a escuta e a flexibilidade e promovem uma visão da língua como realidade

pluralista. A Lusofonia, nesse sentido, representa um laboratório privilegiado para refletir sobre a importância real da comunidade linguística e cultural na era da globalização. Lembra-nos que falar a mesma língua não é o mesmo que pensar da mesma maneira, mas ao mesmo tempo oferece-nos a oportunidade de construir uma comunidade baseada não na uniformidade, mas na capacidade de transformar as diferenças em oportunidades de diálogo. Em última análise, a verdadeira questão aqui é: fazer da língua portuguesa não apenas uma herança comum, mas um instrumento vivo de encontro, intercâmbio e reconhecimento mútuo.

Resumo em italiano

In questo lavoro si analizzerà il concetto di Lusofonia alla luce delle sue implicazioni linguistiche, culturali e interculturali, con particolare attenzione alle complessità che caratterizzano le relazioni tra i paesi che condividono la lingua portoghese. Nel corso degli ultimi decenni, il termine "Lusofonia" si è gradualmente diffuso sia negli ambienti accademici che nelle istituzioni politiche e culturali e nell'insegnamento del portoghese come lingua straniera. Si tratta tuttavia di un concetto nuovo, ancora in fase di sviluppo e oggetto di diverse discussioni e interpretazioni. In realtà, il fenomeno lusofonico non può essere inteso come una realtà unica e omogenea: al contrario, è una pluralità di identità, memorie storiche, relazioni sociali e dinamiche comunicative a dividersi, caratterizzate dal passato coloniale e dalle simmetrie di potere, che ancora caratterizzano le relazioni tra i paesi di lingua portoghese. Da un lato, il linguaggio viene spesso presentato come un elemento di collegamento, dall'altro si rivela una terra piena di contraddizioni in azione. Parlare una lingua non significa necessariamente comprendersi a vicenda: le varianti europee, brasiliane e africane del portoghese presentano differenze fonetiche, lessicali, pragmatiche e culturali che possono dare origine a notevoli incomprensioni. In questo contesto, la ricerca ha deciso di concentrarsi sul ruolo della comunicazione interculturale nello spazio lusofono. Il linguaggio, infatti, non è solo un codice formale, è un veicolo di visioni del mondo, valori e modelli mentali. La presente tesi mostra come il portoghese, pur essendo ufficialmente un'unica lingua, venga vissuto dai suoi parlanti in modi diversi e spesso contrastanti: per alcuni è un forte legame identitario, per altri è una barriera che mette in luce distanze geografiche, storiche e culturali.

La parte sperimentale del lavoro, progettata attraverso un questionario rivolto a parlanti lusofoni della generazione post-coloniale, ha permesso di raccogliere preziose testimonianze sulla reale percezione e sull'esperienza della Lusofonia. Le risposte evidenziano una molteplicità di prospettive: alcuni partecipanti percepiscono la lingua come un fattore di

appartenenza e vicinanza, altri raccontano esperienze di esclusione e incomprensione, soprattutto negli ambiti della migrazione o del contatto diretto tra tipologie molto lontane tra loro. I problemi segnalati non sono legati solo alla pronuncia, al ritmo o al vocabolario, ma anche ad aspetti culturali e motori che possono influenzare notevolmente l'interazione. In particolare, molti intervistati hanno notato la difficoltà di comprendere accenti, dialetti o forme linguistiche miste molto specifiche, come i creoli, che mescolano il portoghese con le lingue locali. Altri hanno segnalato esempi specifici di incomprensioni riguardanti parole con significati diversi a seconda del Paese: “propina”, “rapariga”, “pegar”, per citarne alcuni. Le cose in cui la comunicazione interculturale fallisce a causa di differenze motorie o norme sociali diverse sono meno rilevanti: un gesto naturale in un contesto può essere interpretato come un segno di orgoglio o maleducazione in un altro. Nonostante le difficoltà, l'indagine ha evidenziato anche gli aspetti positivi. Molti partecipanti riconoscono la pluralità linguistica e culturale come un'opportunità di arricchimento, soprattutto tra le nuove generazioni. L'influenza della musica, del cinema, delle serie televisive e delle interazioni sui social media favorisce l'inclusione di frasi e locuzioni provenienti da altri paesi lusofoni. Ciò indica che la lingua portoghese è un organismo vivo, dinamico e in continua evoluzione, piuttosto che un sistema chiuso e uniforme.

Alla luce di questo, la tesi conclude che la Lusofonia non è una comunità completa, ma un progetto in costruzione, costantemente rinegoziato dalle pratiche quotidiane dei suoi oratori. L'unità linguistica da sola non è sufficiente a garantire la comprensione reciproca: è un punto di partenza e non un obiettivo. La vera sfida per il futuro è riconoscere le differenze, valorizzarle e sviluppare competenze interculturali che possano trasformare la lingua in uno strumento di dialogo e solidarietà piuttosto che in una barriera. Il contributo che questa ricerca intende dare è quindi duplice. Da un lato riproduce una visione più realistica della Lusofonia, lontana dalle idealizzazioni e attenta alle contraddizioni che essa attraversa; dall'altro propone di considerare la lingua portoghese come un mezzo

d'incontro che solo allora diventa veramente inclusivo, se è accompagnata dalla consapevolezza delle differenze culturali e dalla volontà di farne una risorsa. In breve, parlare oggi di Lusofonia significa riflettere sul vero significato della comunità linguistica e culturale in un mondo globalizzato. Il linguaggio comune non è sufficiente per creare un'identità comune: ciò che conta è la capacità di trasformare le differenze in opportunità di apprendimento reciproco. La Lusofonia in questa prospettiva non è un traguardo già raggiunto, ma una via aperta, un laboratorio vivente in cui si misura la possibilità di costruire un senso di appartenenza veramente pluralistico, inclusivo e orientato al futuro.

Bibliografia

DE BRITO, Regina Pires. «Sobre lusofonia». *VERBUM. CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO*, 2013, 5: 4-15.

DE SOUSA, Vítor. «Identidades transnacionais e transculturais. Pós-colonialidade, lusofonias e interculturalidade. O caso do Museu Virtual da Lusofonia». *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, 2021, 147: 105-121.

GUILHERME, Manuela. «Comunicação intercultural globalidade e diversidade». *Revista de Humanidades e Tecnologias*, 2002, 1: 195-198

PEREIRA, Domingos Simões. "*O conceito de Lusofonia e a cooperação na promoção e difusão da língua* portuguesa: tópicos de intervenção", intervenção institucional no âmbito da CPLP, Lisboa: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, 13 novembre 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade. *Novos estudos CEBRAP*, 2003, 66: 23-52.

Sitografia

https://www.conexaolusofona.org

Ringraziamenti

Alla mia relatrice, che sin dal primo anno accademico mi ha trasmesso la passione per la lingua e la letteratura portoghese. Le sono profondamente grata per la disponibilità, la dedizione e la pragmaticità con cui mi ha accompagnato, contribuendo in modo decisivo alla mia serenità e alla riuscita di questo lavoro.

Ai miei genitori e alla mia famiglia, che non manca mai di essere presente e di investire in tutti i modi possibili per il mio futuro e per la mia felicità.

A mia sorella, in particolare, che ha reso e rende più lieve ogni mio passo e che con amore è la mia guida da sempre e per sempre.

Ai miei amici, perché in compagnia tutto è più semplice.

Ai miei nonni, che sempre con un pizzico di follia hanno danzato la vita con tenacia, dedizione e passione.

Ai miei viaggi, che hanno intrecciato la mia vita di esperienze e meraviglie, insegnandomi a guardare il mondo ogni volta con occhi “nuovi” e facendomi sentire forte quel misterioso sentimento chiamato “*saudade*”.